

Retrospectiva Livresca de 2020

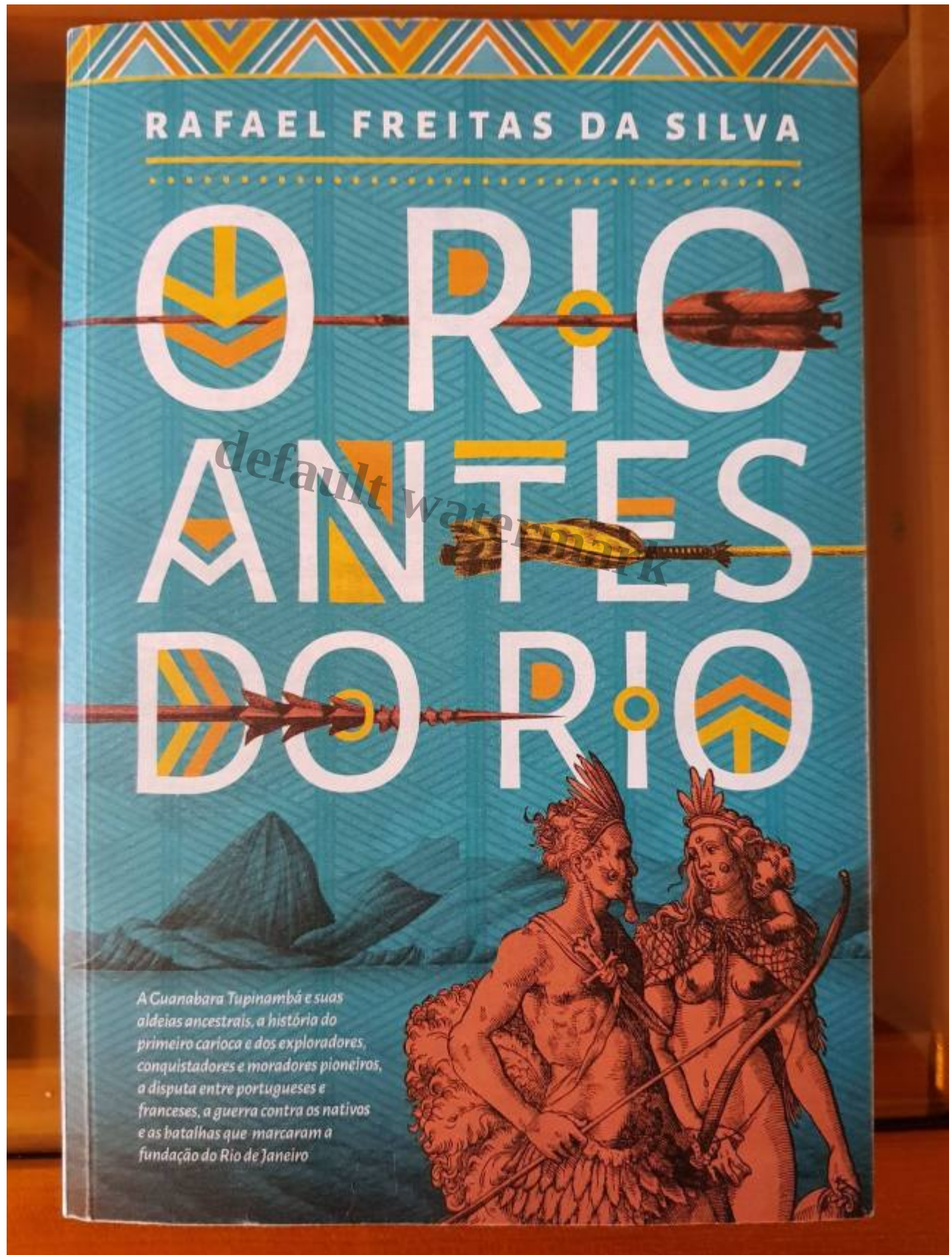
Description

default watermark





Vamos a alguns dos títulos com os quais me ocupei durante esse ano de confinamento. Acompanhando a chegada da pandemia, adentrei marãço imerso nas memãrias de Patti Smith (**Just Kids**, Audible, 2011; narraãdo da prãpria autora; **Sã Garotos**, Cia das Letras, 2010) como se estivesse em outro planeta, sem nem de longe imaginar o que viria pela frente. Andava frivolumente pra cima e pra baixo ouvindo este livrinho da Patricia Lee Smith em meu ipod. Trata especialmente do perãodo que marca a sua convivãncia com o pra lã de talentoso Robert Mapplethorpe. Smith ã um pouco afetada ao registrar seu namoro e amizade com o Sebastiãdo Salgado do *underground* nova-iorquino, mas o interesse pela trajetãria dos dois faz com que sigamos com a narrativa atã o final.





"Monumental." — RUY CASTRO

E não é que, na maior moita, Rafael Freitas da Silva ergueu um monumento de dar inveja a faraó?

Enquanto a gente via o super-herói da produção e reportagem voando pelo mundo, realizando façanhas diárias, nem podíamos desconfiar que aquela era só a identidade secreta, mero Clark Kent. Entrementes, finório como ele só, o Super-Homem da Tijuca queimava pestanas debruçado sobre a luz azul do laptop, em ligação astral com o universo pré-cabralino.

Como a confirmar sua cepa tijucana profunda, fez tudo na mais imperscrutável socapa – o danado explorou, descobriu, redescobriu, nomeou e renomeou, buscou os fios soltos do tecido histórico e tramou irresistível tapeçaria. Por essas é que se diz que o tijucano é um carioca ao quadrado.

Nós, meros cariocas à mínima potência, até deveríamos agradecer efusivamente tal edificação majestosa, não estivéssemos tão ocupados em usufruí-la. Pois é assim este volume, uma piscina do tamanho do oceano, qual efeito especial, belo como arara-canindé, forte como cauim (aguardente), farto como pakoba (banana), petyma (tabaco) – difícil de largar.

A melhor coisa que posso dizer sobre tal pirâmide? Trata-se de uma máquina do tempo? Sim, também. Mas, engana-se quem supõe ter sido eu transportado apenas para o Rio de antes de todos os janeiros, a Guanabara Tupinambá, Kûánãpará. Encapsulado no artefato de viagem temporal que ora tem em mãos o leitor, percebi-me transportado à minha própria infância, quando fui embalado pela melhor escola que frequentei, o Sítio do Picapau Amarelo.

Só na obra de Monteiro Lobato encontro paralelo para a aventura de Rafael Freitas da Silva. Neste magnífico *O Rio antes do Rio*, o autor faz por Pindorama algo como o que Lobato operou pela Grécia em *O Minotauro*.

E é daqui do fundo de minha criancice lobatiana que, mais do que chorar por um Brasil e um mundo extintos, saúdo nosso renascimento, a partir e a exemplo do olhar generoso com que Rafael nos conduz ao passado, amplo e dadivoso. Pois, mesmo que não haja absolvição possível para o presente, seguimos condenados ao futuro. O que é trágico e simplesmente milagroso.

PEDRO BIAL

4ª EDIÇÃO

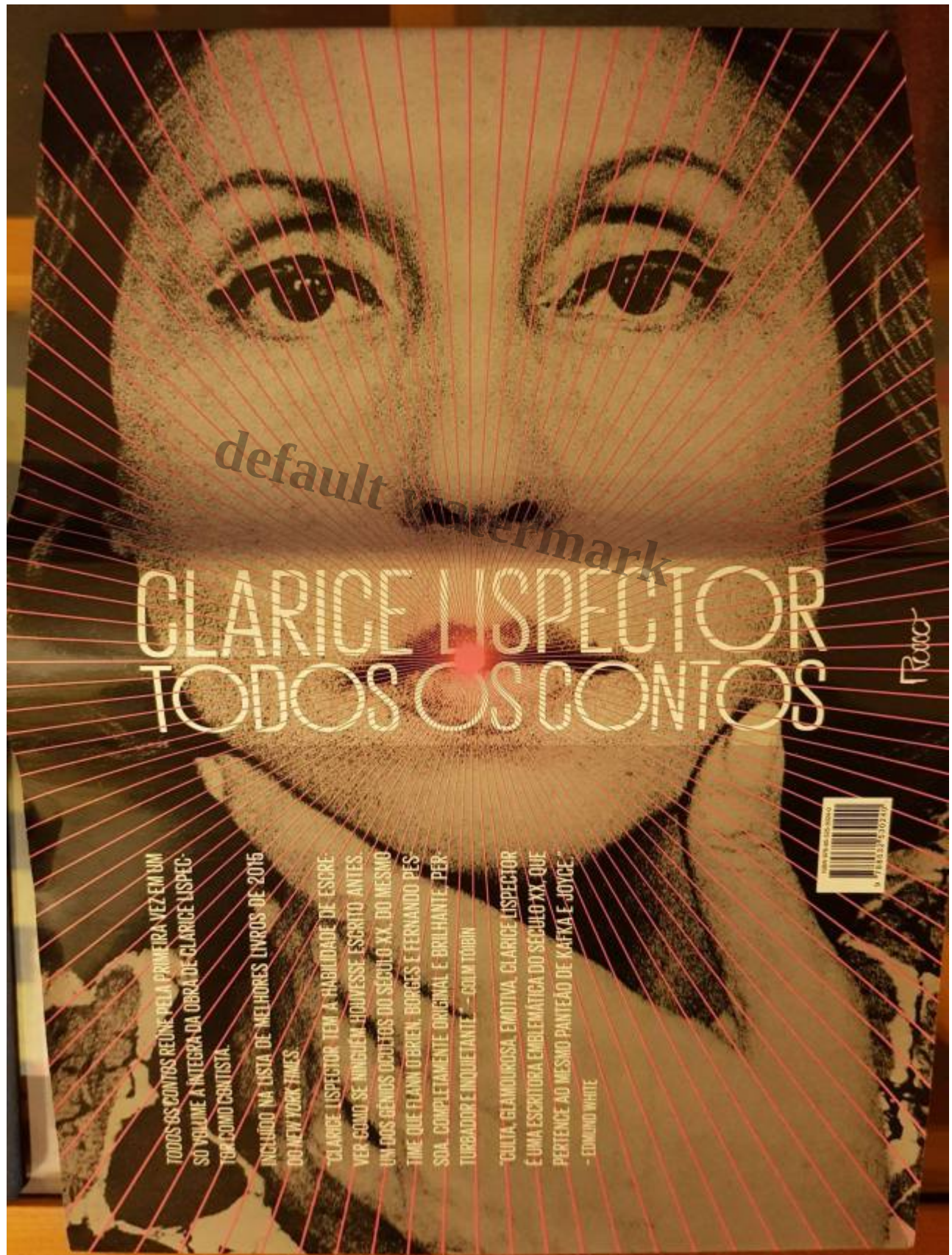


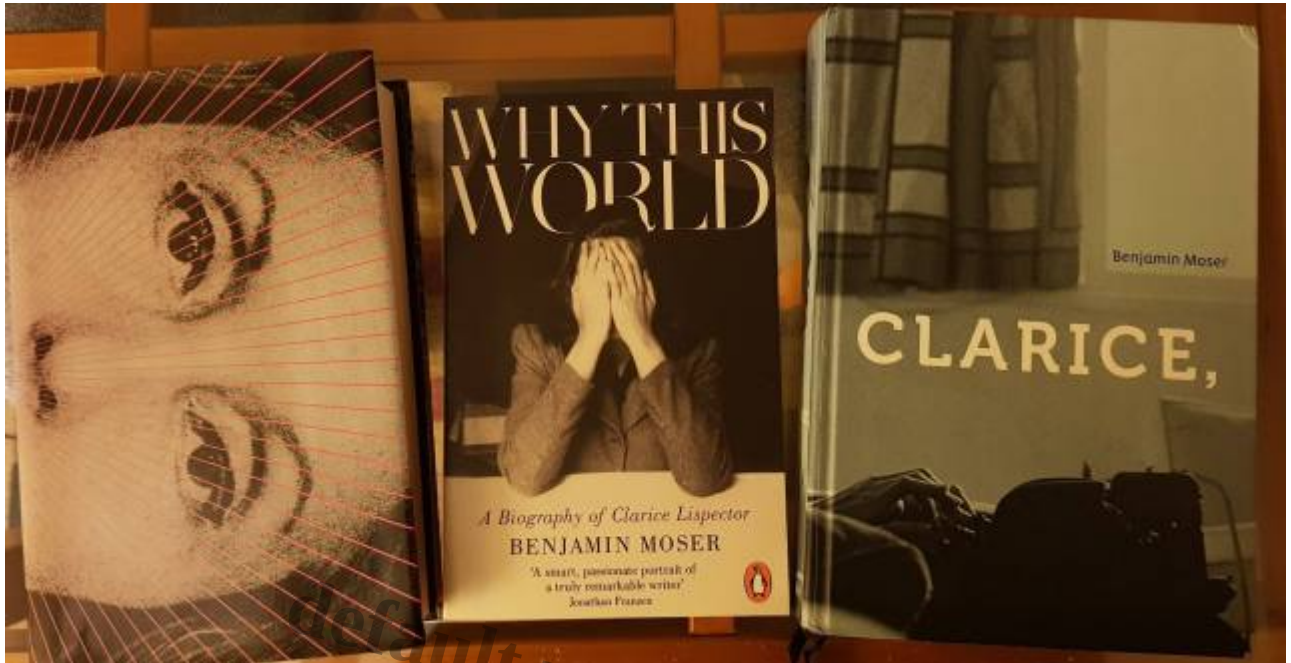
ISBN 978-65-5090-003-8



Um outro título (**“O Rio antes do Rio”, Relicário, 2020**) que adquiri pouco antes do começo da quarentena. Se alguém ainda acha que o gentílico “carioca” surgiu por designar etimologicamente a “casa do homem branco” (a oca do caraíba), como queria Varnhagen e aqueles que o leram, precisa passar os olhos no livro de Rafael Freitas da Silva para saber que o nome surge por assinalar a oca dos Índios kariás (carijás). Foi assim que ele aprendeu com o francês Jean de Lery. Lery veio conhecer a França Antártica em 1556 e conviveu com os tupinambás (grupo que dominava vastas regiões do território brasileiro, inclusive o Rio de Janeiro) registrando tudo para seu livro “Viagem à Terra do Brasil”. Essa é uma das boas passagens colhidas pelo redator de esportes da Globo e pesquisador nas horas vagas que já destaque as histórias das populações nativas ao retratar o período de chegada e ocupação da América por portugueses e europeus.

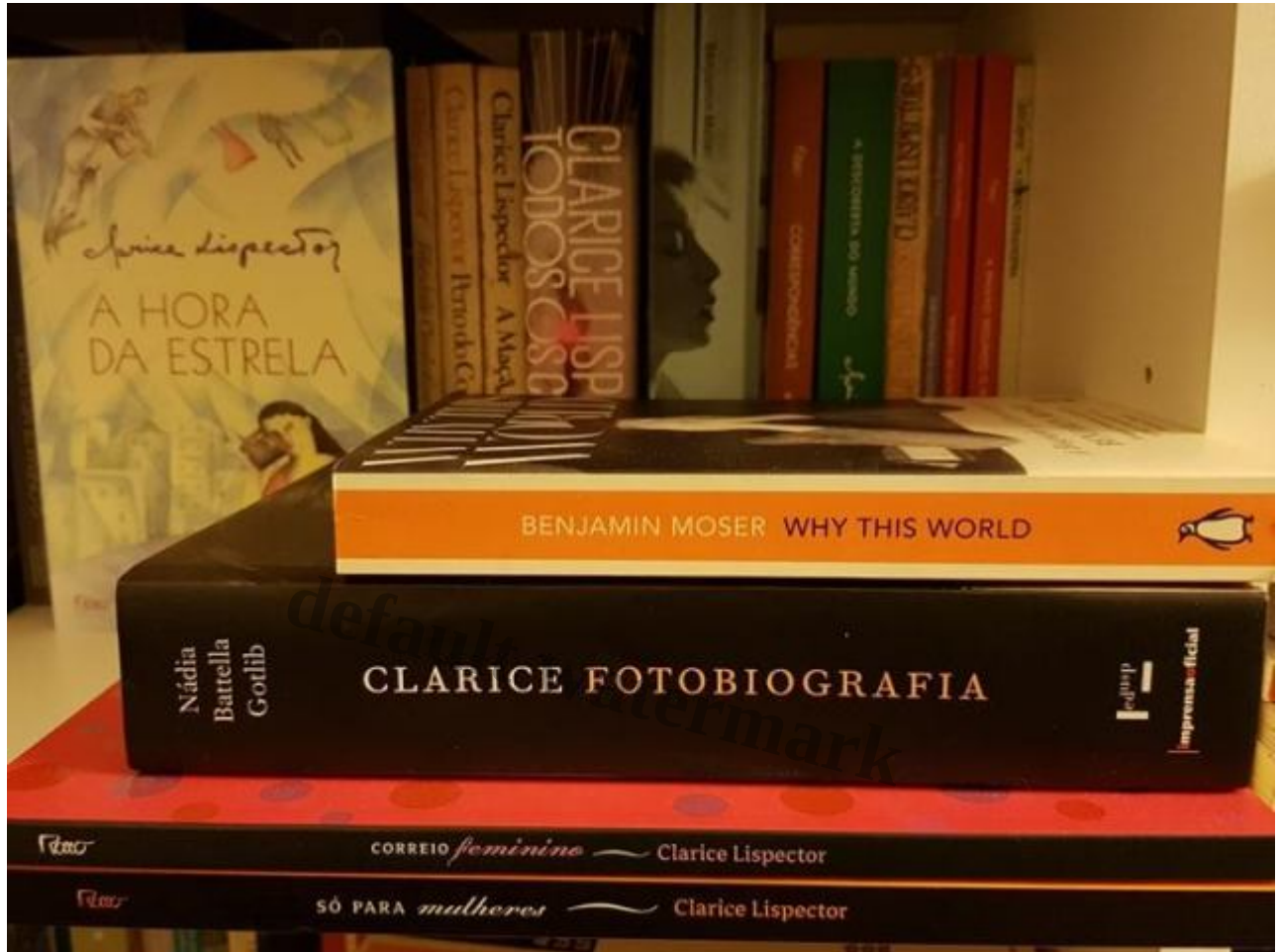
default watermark



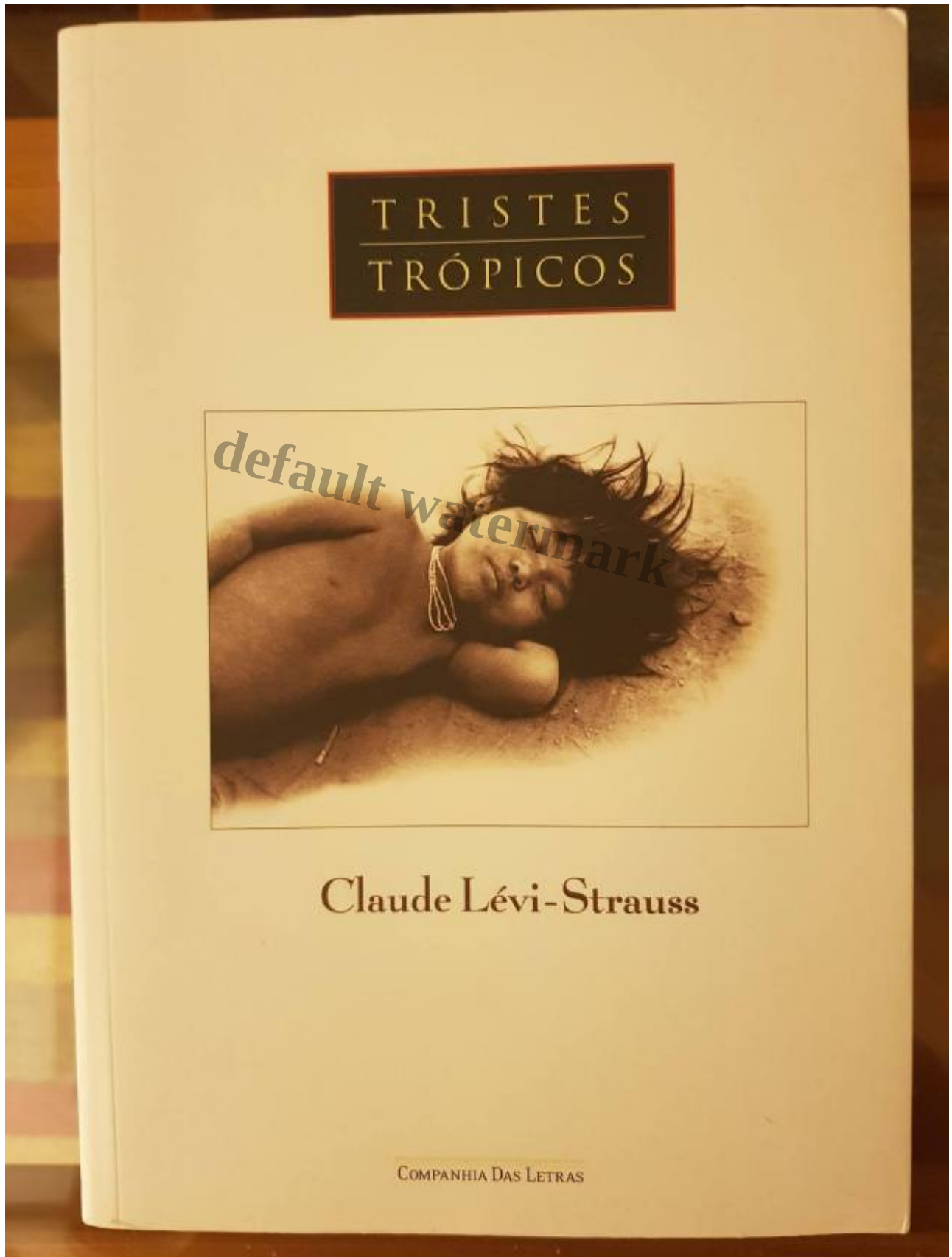


• **Todos os Contos** (Rocco, 2015) estava aqui na estante há um bom tempo. Fui conferir o que havia nele e que ainda desconhecida da escritora que adotou a vizinhança do Leme, onde morei com gosto em um quarto e sala na rua Anchieta por uns dois anos, como seu endereço de residência na volta ao Brasil depois do fim de um casamento que a levou a uma peregrinação pelo mundo. Sua obra se deu em gravações em audiolivro e na leitura da cuidadosa coletânea organizada pelo mais famoso biógrafo da autora, Benjamin Moser. Reunindo todos os 85 contos escritos por Clarice Lispector em vida, o volume vem com prefácio e comentários do organizador. Impressionou bastante os contos que a escritora escreveu por encomenda, algo que detestava, sob o título de • **A Via Crucis do Corpo**. Particularmente, o desprendimento e as ousadias de Ruth Algrave, Aurélia Nascimento e da sapeca da sessentona Maria Angélica de Andrade. Uma Clarice bem diferente.





Comecei a ler **A Hora da Estrela** (Rocco, 2008) desta vez em audiolivro e fui terminá-lo voltando ao livrinho que aparece em um exemplar novíssimo que adquiri para a seção dedicada à autora aqui em casa. **Agora Viva** (Nova Fronteira, 1978), livro favorito de Cazuza, foi mais um a marcar esse reencontro com a autora preferida da minha adolescência. Cheguei a ele por uma gravação em audiolivro. Tenho aqui na estante uma edição velhinha dele de um ano antes de eu entrar na faculdade de comunicação da PUC/RJ. Era um período em que lia muito Clarice. Comecei com **A Paixão Segundo G.H.**, ainda no ensino médio (segundo grau à época), e segui com tudo o que aparecia. **A Mãe no Escuro**, **Perto do Coração Selvagem**, **Onde Estivestes de Noite** e por aí fora. Algumas dessas edições, assim como a de **Agora Viva**, guardo até hoje. Anos depois uma acadêmica comentou um pouco maldosamente, mas acho que com certa propriedade, que Clarice é uma autora que desperta os instintos latentes da juventude.





22. Gavião e o Mucacá.



23. Construção da cabana para o encargo das crianças.



24. Dois jovens namiquara (observa-se o cigarro enfiado numa folha, preso pelo bracelete do biceps).

"TRISTES TRÓPICOS": NESTE TÍTULO JÁ SE CONDENSA TODA A BELEZA DE UMA OBRA MAGISTRAL, INCLASSIFICÁVEL EM SUA GRANDEZA HUMANA. NARRATIVA DE VIAGEM OU ENSAIO DE CIÊNCIA? EM SUA PROSA POÉTICA, MELANCÓLICA, IRÔNICA, CLAUDE LÉVI-STRAUSS DESLOCA PARÂMETROS CONSAGRADOS, QUESTIONANDO AO MESMO TEMPO VIAJANTES E CIENTISTAS. SUA IMAGINAÇÃO CRIADORA NUNCA ABRE MÃO DA REFLEXÃO LÓGICA MAIS RIGOROSA.

O BRASIL QUE AQUI SE REVELA ESTÁ MUITO ALÉM DA PROVINCIANA CIDADE DE SÃO PAULO. POIS O MUNDO PERDIDO DOS CADIUEU, DOS BORORO, DOS NAMBIQUARA E DOS TUPI-CAVAIBA TEM SEUS PRÓPRIOS ESTILOS E LINGUAGENS. SOMOS AINDA HUMANOS O BASTANTE PARA COMPREENDÊ-LOS?

É ESSA PERGUNTA QUE FAZ DE "TRISTES TRÓPICOS" NÃO SÓ UM CLÁSSICO DA ETNOLOGIA E DOS "ESTUDOS BRASILEIROS" MAS UMA OBRA UNIVERSAL, SEM FRONTEIRAS, SOBRE A CRISE DO PROCESSO CIVILIZATÓRIO NA MODERNIDADE.

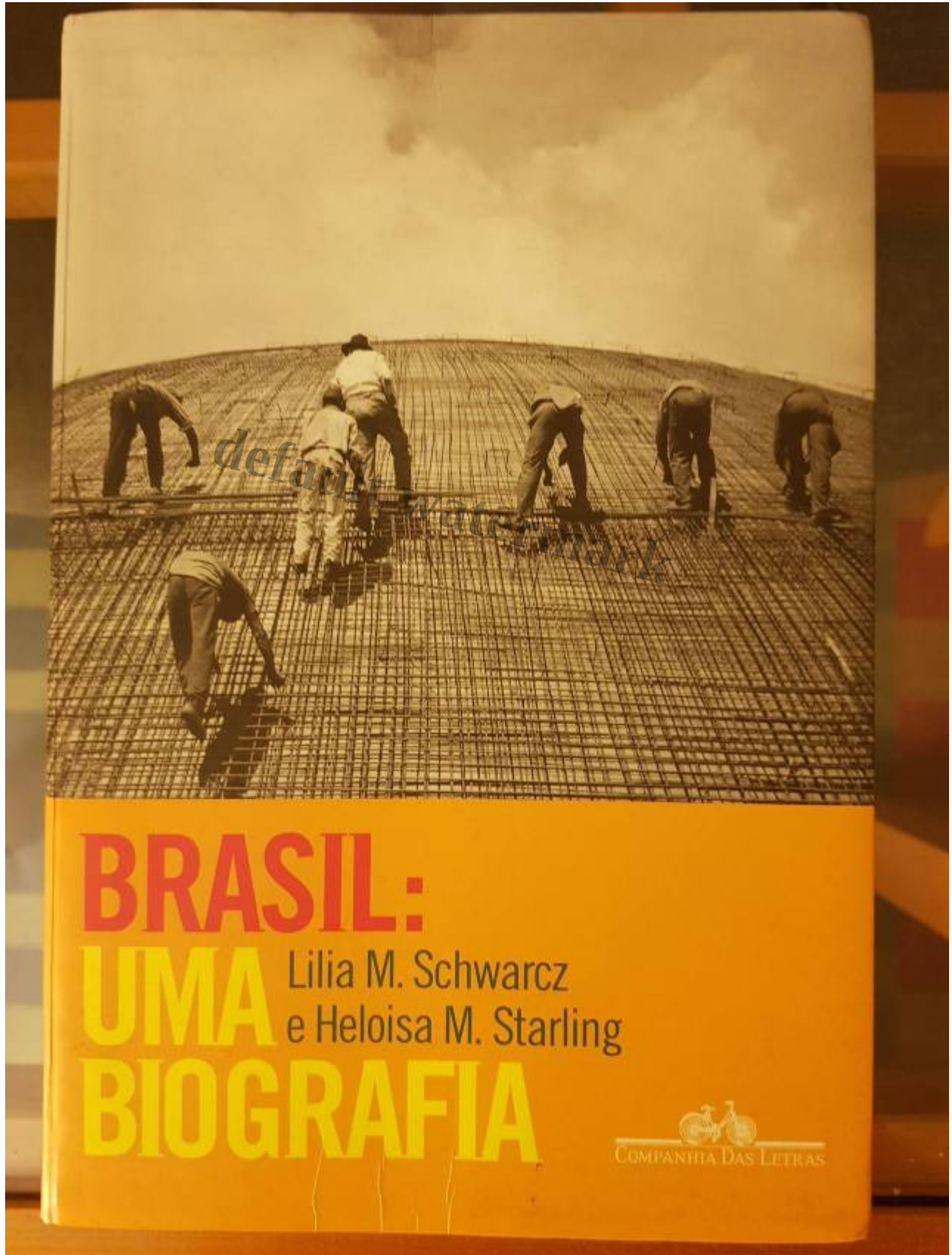
ISBN 978-85-7164-570-7



9 788571 645707

Uma obra que estava terminando de ler quando da chegada da infausta criatura. Nunca tinha lido os **Tristes Trópicos** (Cia das Letras, 2019) de Lévi-Strauss e foi uma surpresa descobrir a maneira casual como ele chega ao Brasil para conviver com os nossos Índios e depois abrir um caminho inédito dentro da história da antropologia como ciência.

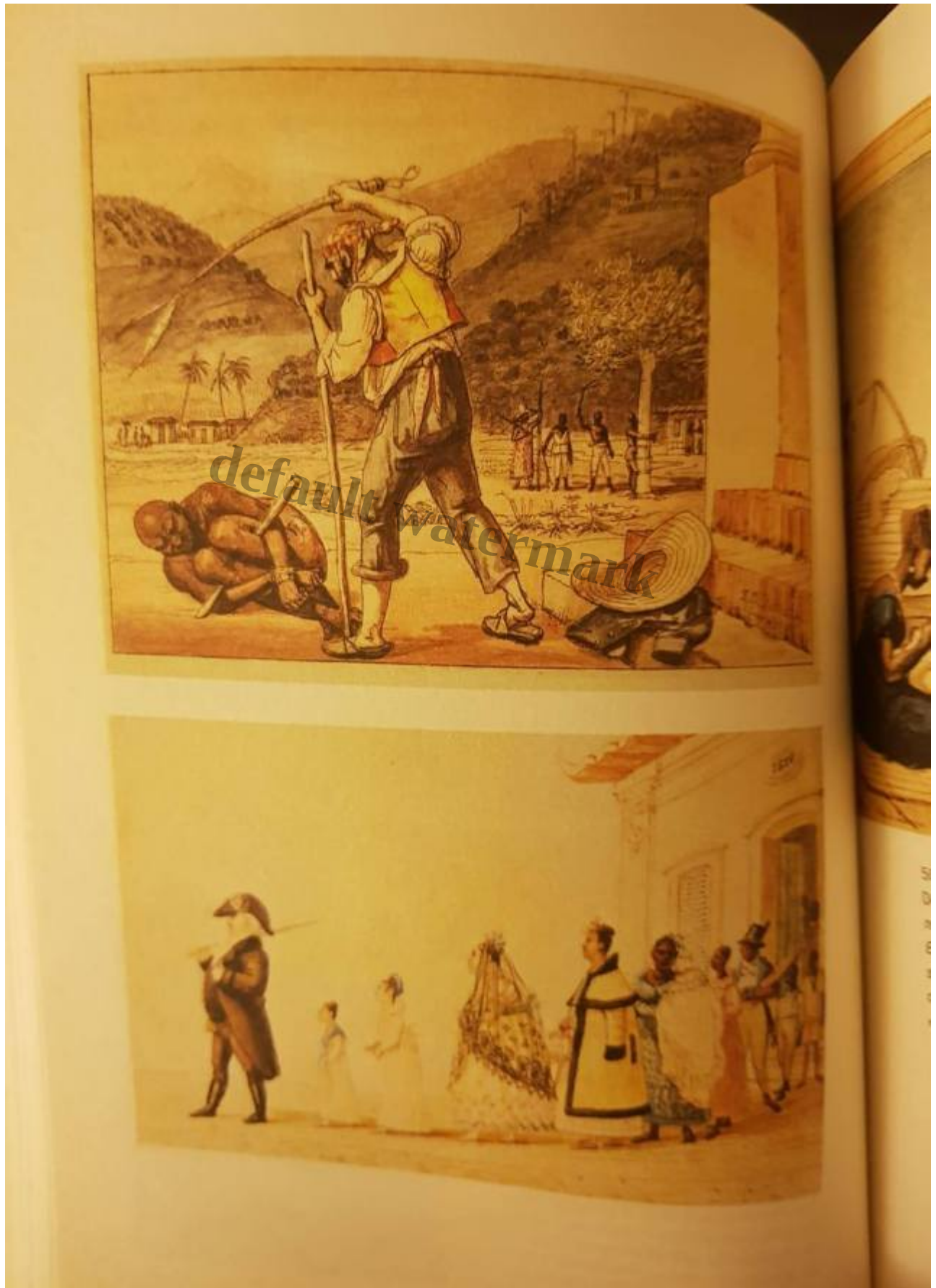
default watermark





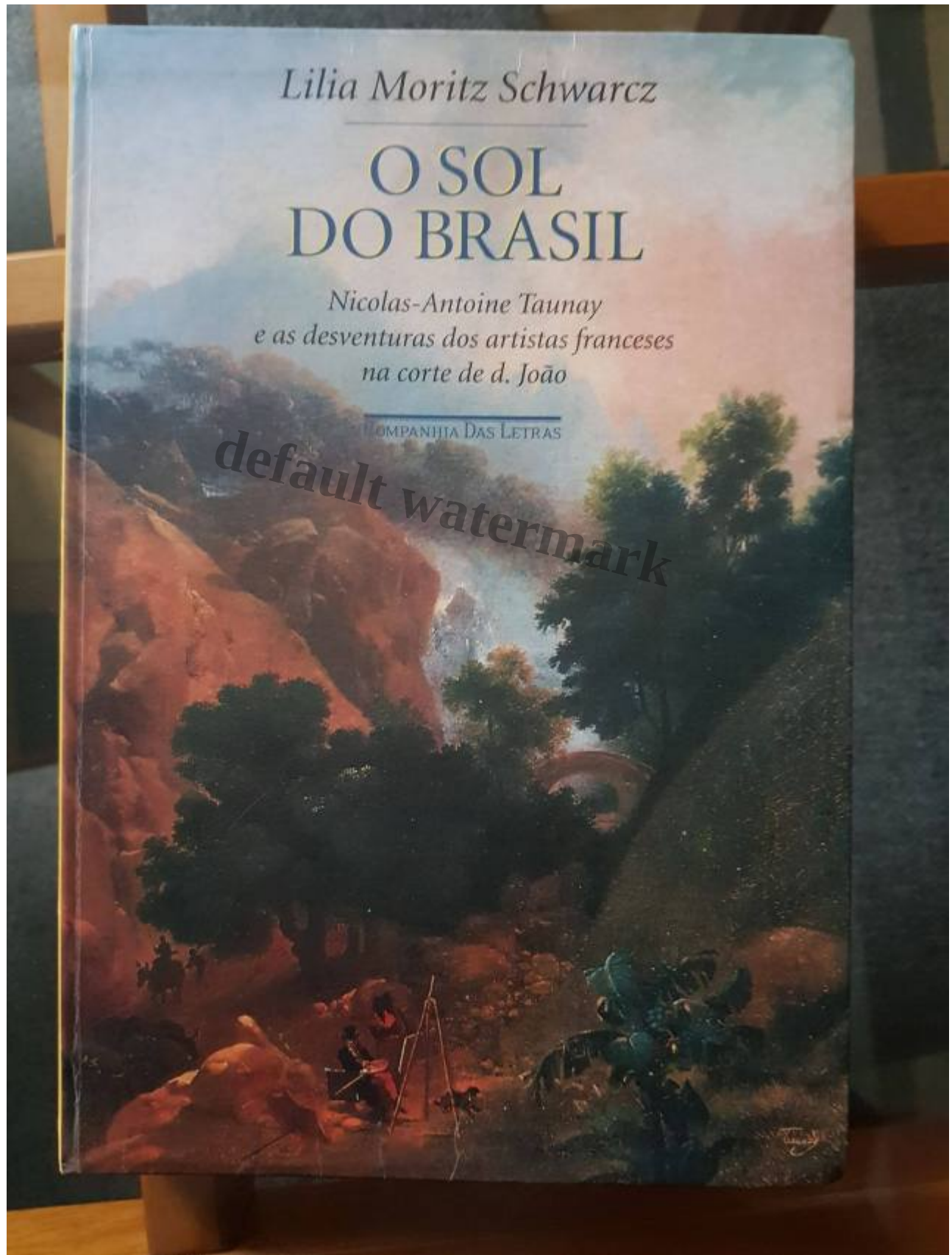


default watermark



Como um livro puxa o outro, *Tristes Trópicos* me levou a *O Rio antes do Rio*, que por sua vez me conduziu a *Brasil: uma Biografia* (Cia das Letras, 2015), que Lilia Mortiz publicou ao lado da historiadora Heloisa Starling. Também um volume ótimo que deveria ser obrigatório nas escolas de ensino médio brasileiras. Um resumo caprichado de nossa triste história.

default watermark

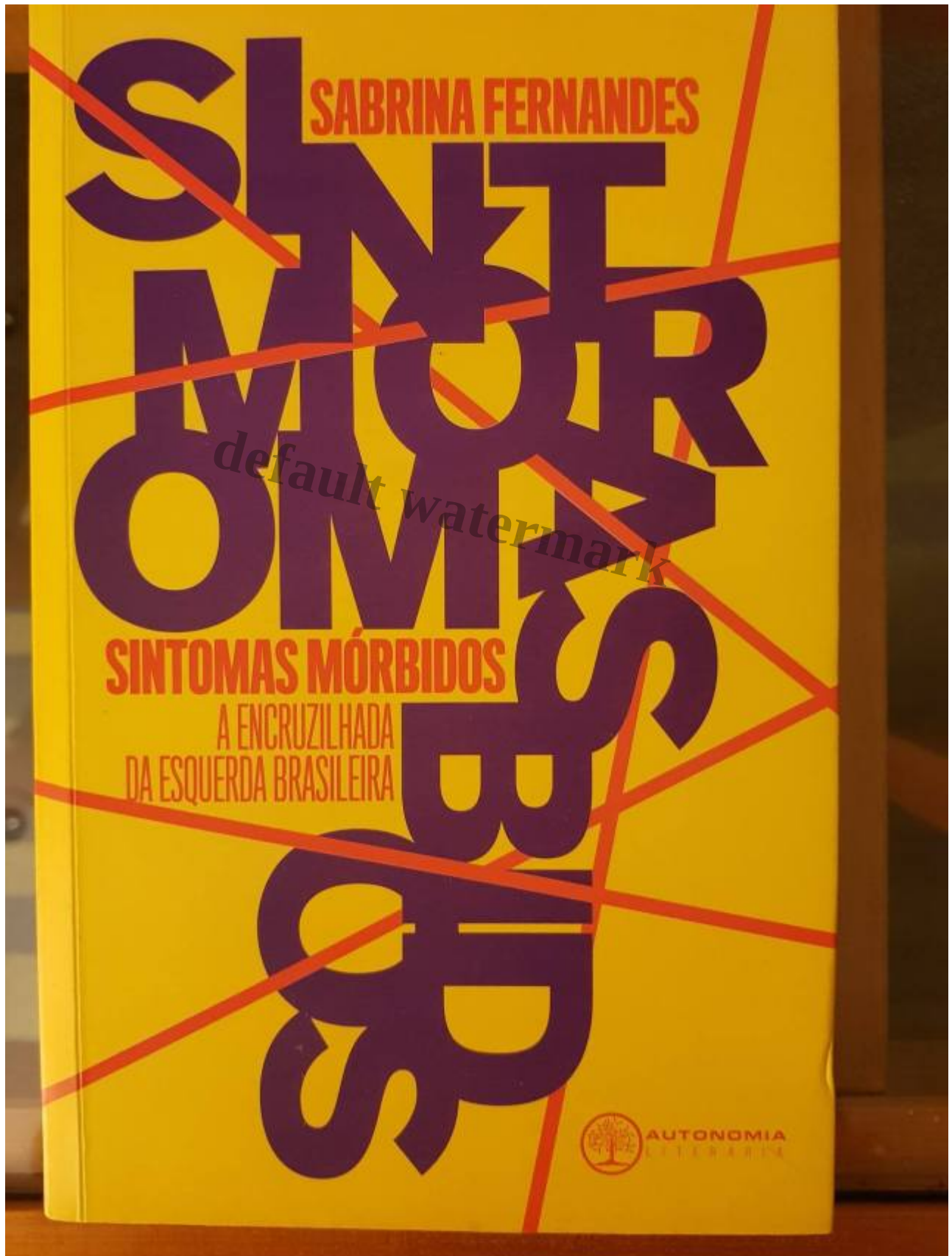


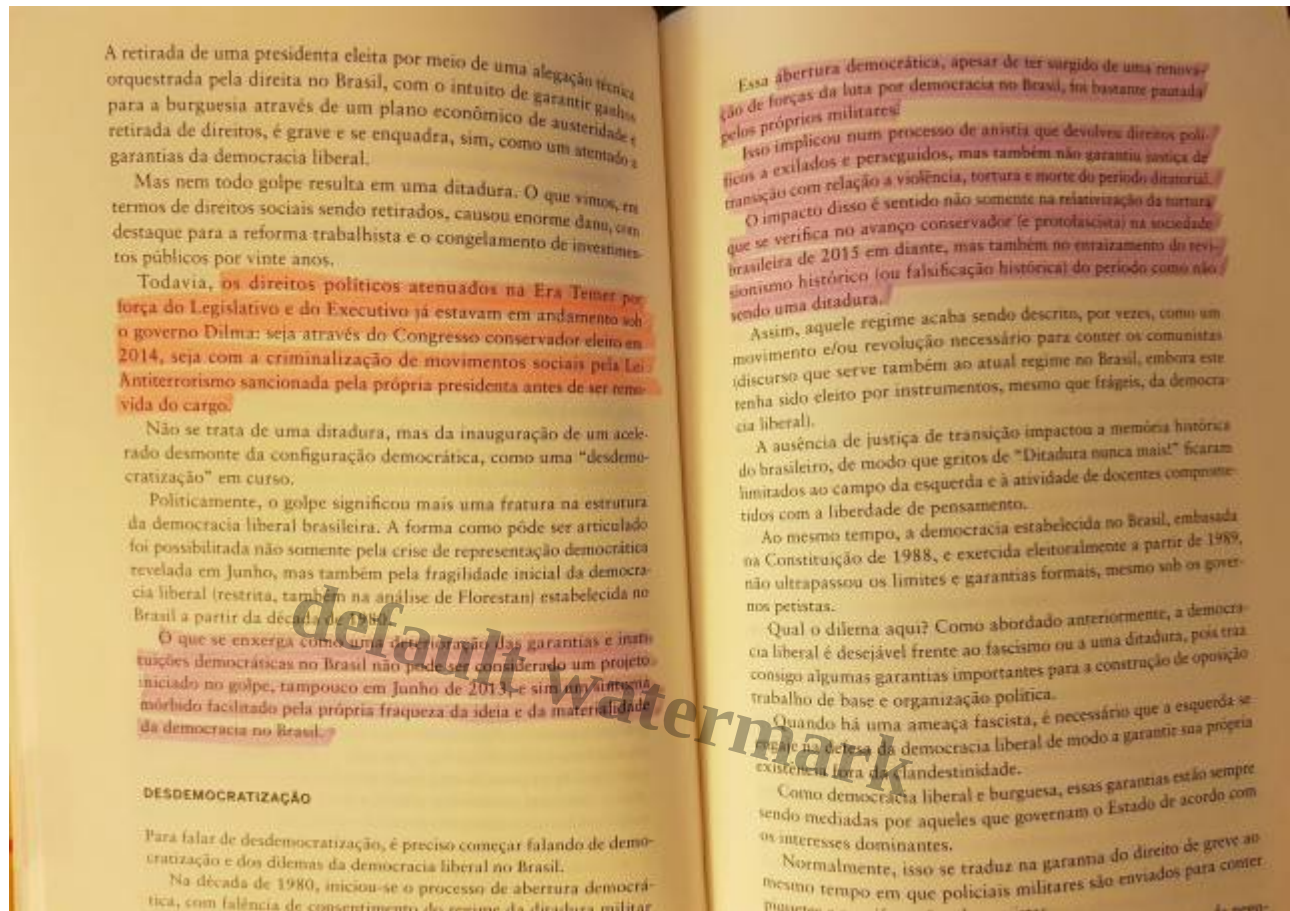




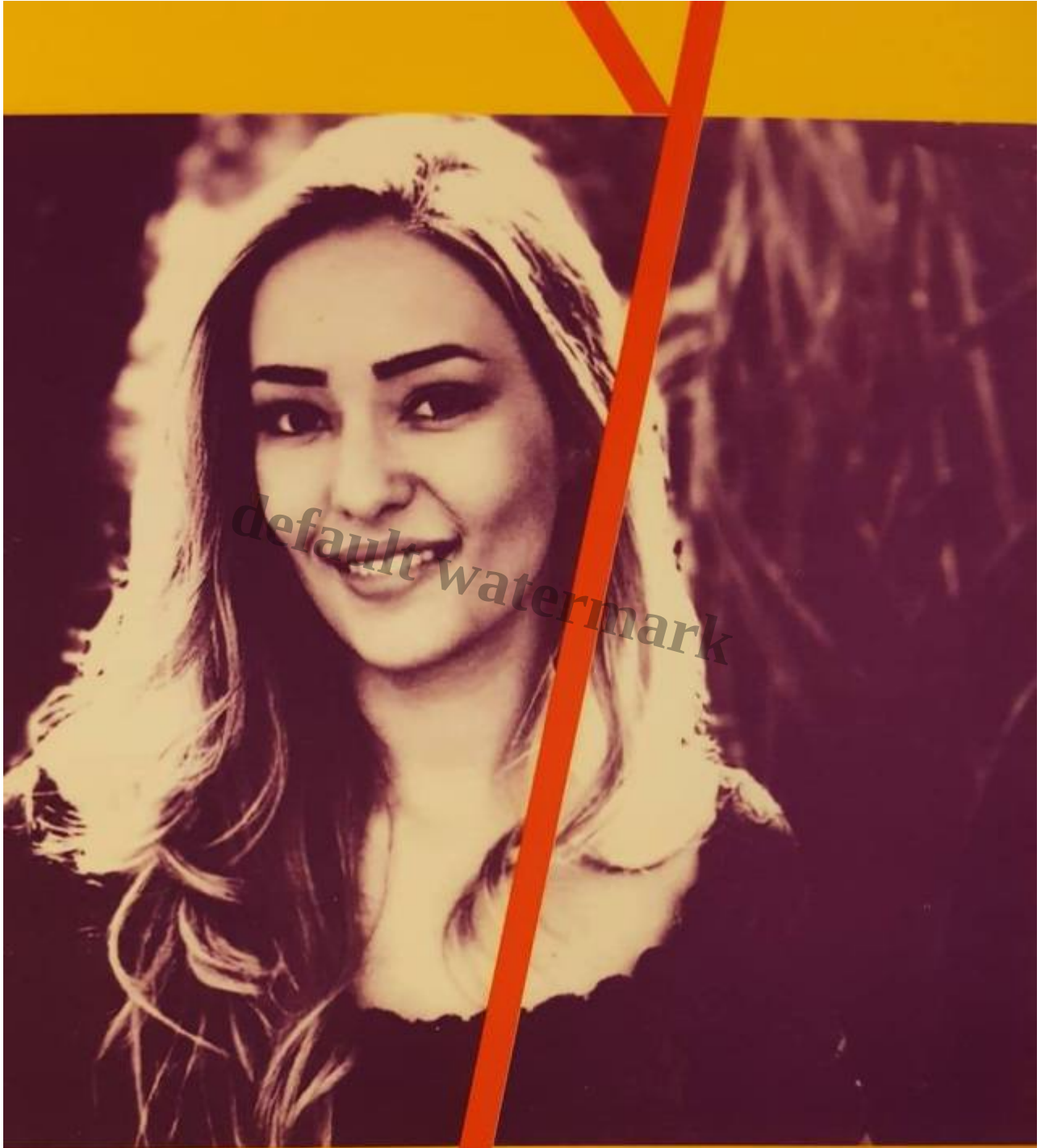


De Lilia Moritz li também o interessante **“O Sol do Brasil”** de Nicolas-Taunay e as **Desventuras dos Artistas Franceses na Corte de D. João VI** (Cia das Letras, 2008), que ajuda a ter uma compreensão precisa sobre a história falada da Missão Francesa, que nada mais era do que um grupo de artistas franceses que trabalhavam dentro da lógica emulatória napoleônica e que se acharam abandonados depois de sua queda.





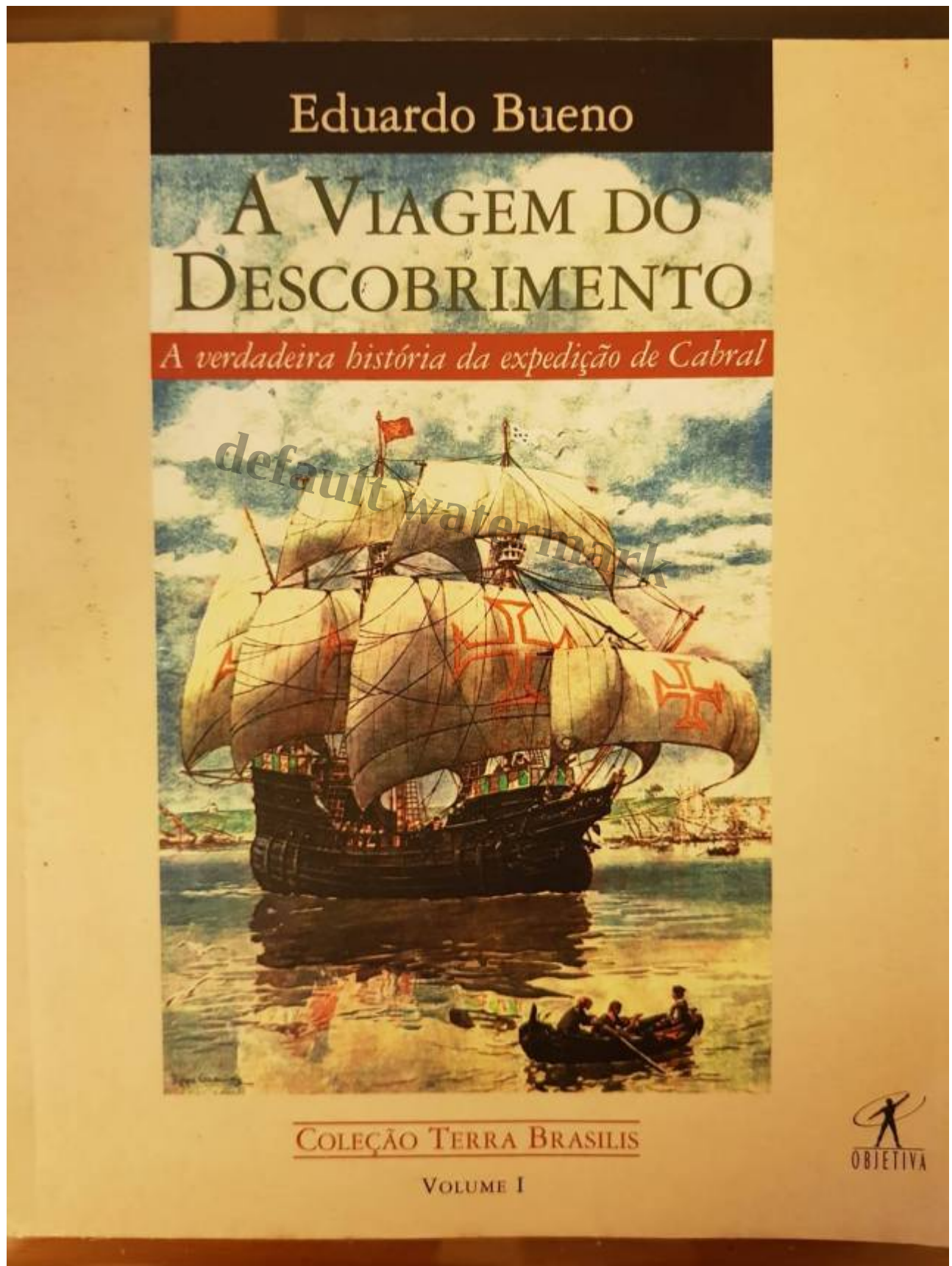
default watermark

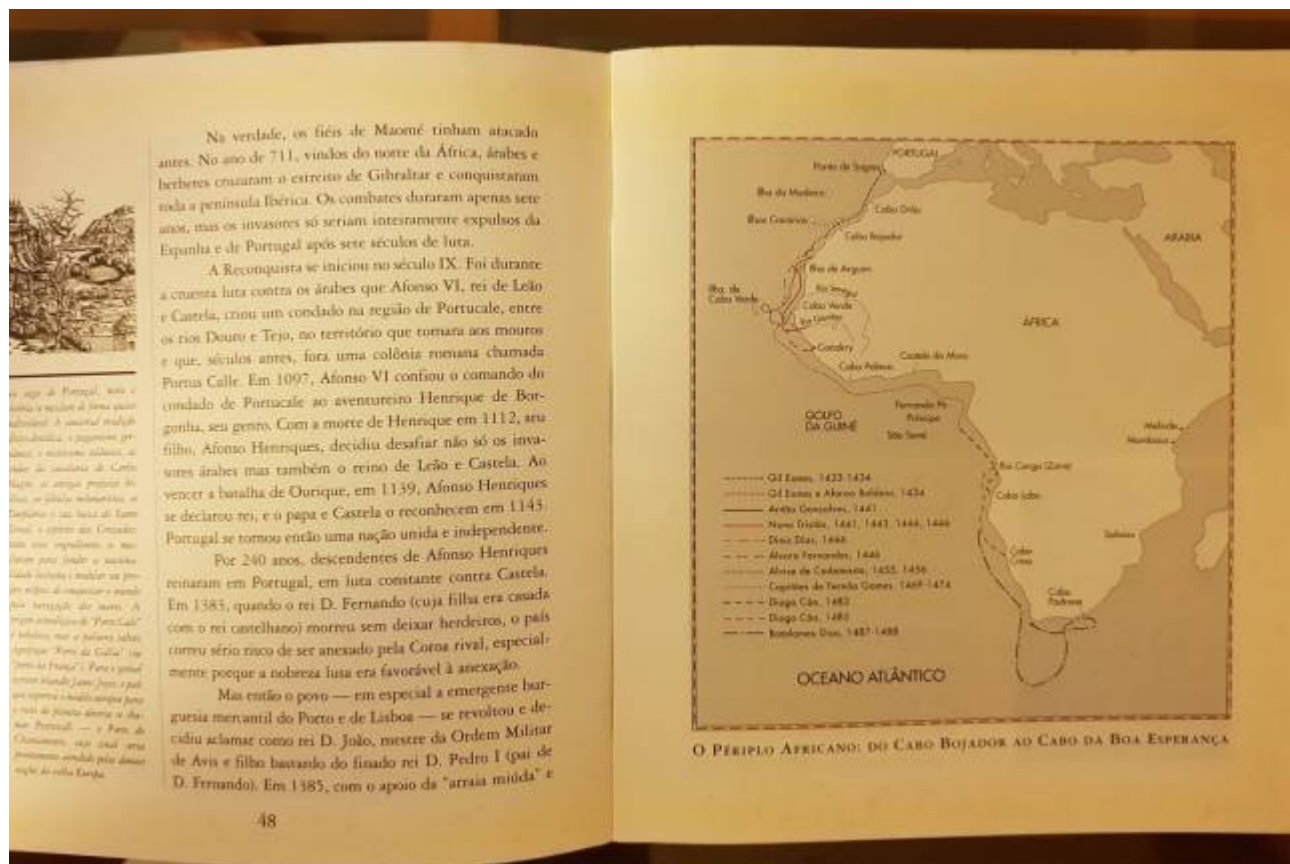
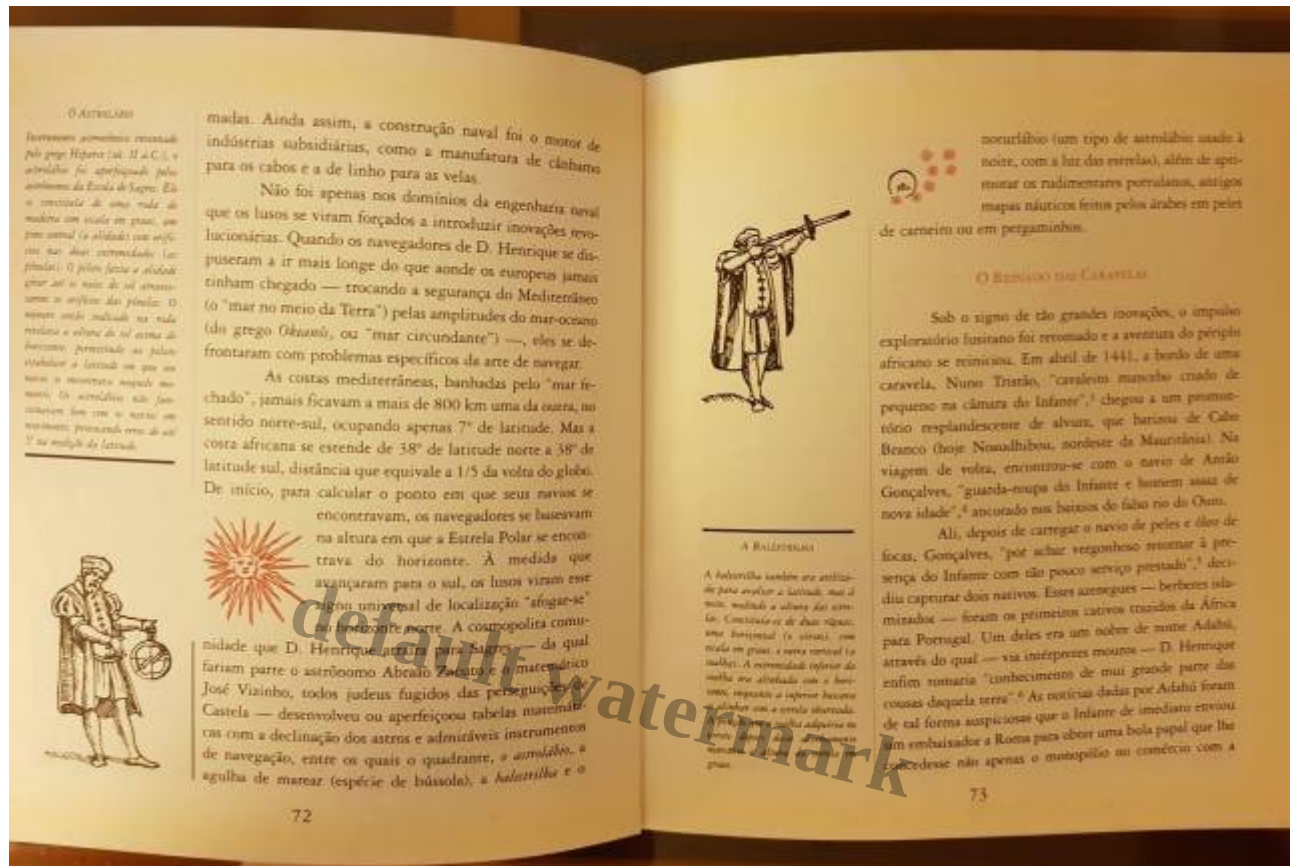


Sabrina Fernandes é doutora em Sociologia, com especialização em Economia Política, pela Carleton University, no Canadá. Além de estudar e viver o contexto da esquerda brasileira, é especialista em teoria marxista, estudos feministas e sociologia ambiental. Atualmente, é pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília e produz o canal de divulgação científica e política, Tese Onze.

Uns a tratam como a socialista de iPhone, mas quero ver ter a disposi  o da apresentadora do canal Tese Onze no YouTube Sabrina Fernandes para sentar a chunda na cadeira e cruzar de fio a pavio a pedreira que s  o os 4 tomos de    O Capital  , de Karl Marx. Durante seu doutorado no Canad  , esta foi uma de suas tarefas, al  m do letramento nas obras de Gramsci, Benjamin, Luk  cs, Marcuse e do queridinho Florestan Fernandes. Sua tese de doutorado    o seu livro de estreia,    Sintomas M  rbidos     a Encruzilhada da Esquerda Brasileira   (Autonomia Liter  ria, 2019), cuja leitura j   tinha iniciado e que tive de voltar por tratar do assunto que encerra o livro    Brasil: uma Biografia  , de Lilia Moritz e Heloisa Starling, as manifesta  es de rua de junho de 2013. Uma pena que fa  sa muita falta    bibliografia de Sabrina as obra de Thomas Piketty, o pensador progressista mais importante da atualidade.

default watermark







Com Eduardo Bueno, cruzei pela segunda vez o Oceano Atlântico quinhentista no seu **A Viagem do Descobrimento** (Objetiva, 1998), fazendo todo o percurso. A leitura foi complementada pelas postagens do autor no canal Buenas Ideias no YouTube e pela **Carta de Pero Vaz de Caminha** (Martin Claret, 2002), registro comentado por Jaime Cortesão da carta fundadora do país. Peninha já concluiu a gravação de própria voz de um de seus mais conhecidos livros que estará disponível em audiolivro. Fiquei tão entusiasmado com essa segunda visita que ganhei de presente de aniversário a coleção completa do autor sobre o tema e mais o **Duas Viagens ao Brasil**, de Hans Staden.

Coleção Documentos Brasileiros

Dirigida por Octavio Tarquinio de Souza

60

GASTÃO CRULS

Aparência do Rio de Janeiro

(Notícia histórica e descritiva da cidade)

Prefácio de GILBERTO FREYRE

Desenhos de LUÍS JARDIM

e fotografias de SASCHA HARNISCH

Prêmio «VIEIRA FAZENDA»

2.ª edição, revista pelo autor

1.º Volume



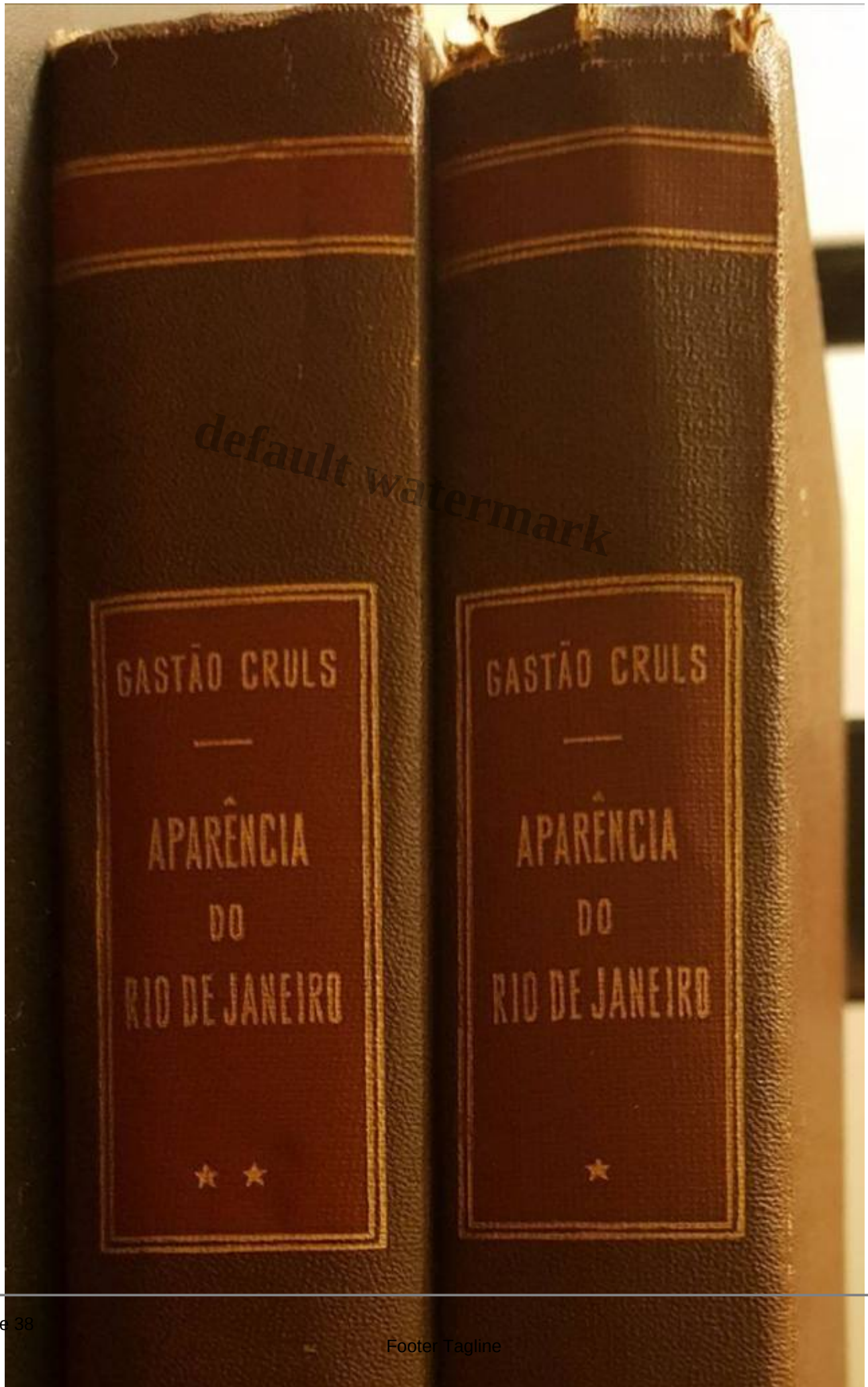
1952

Livraria José Olympio Editora

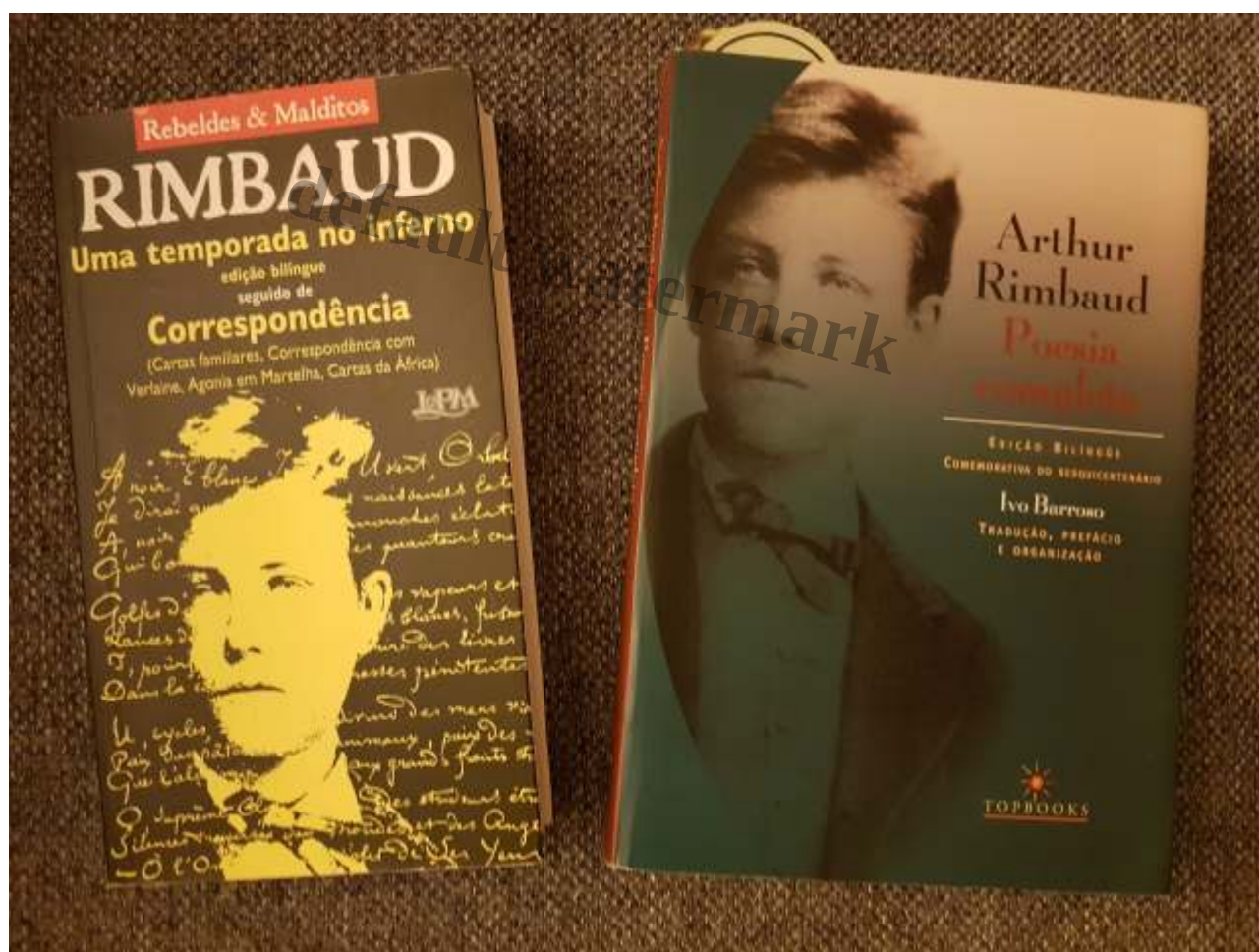
Rua do Ouvidor, 110 - Rio de Janeiro

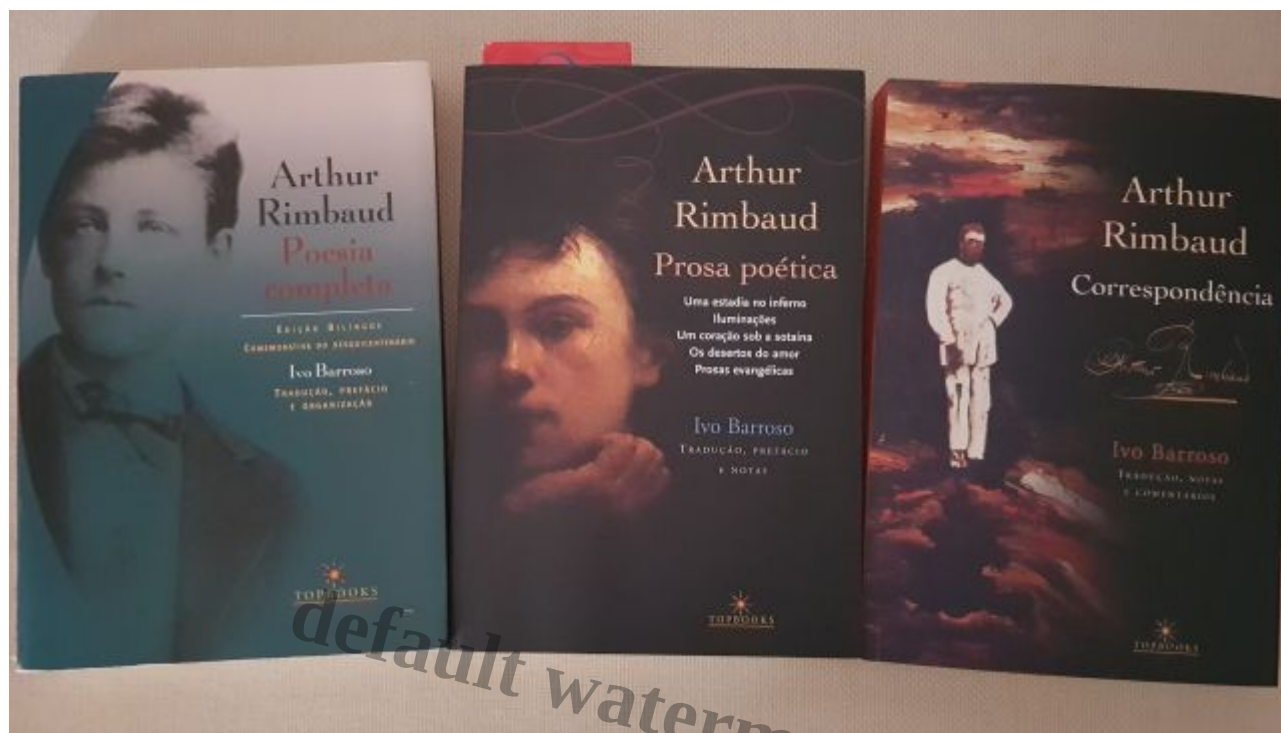


default watermark



Intercalando com alguns dos títulos anteriormente comentados, tenho lido há alguns meses o **Â??Aparência do Rio de JaneiroÂ? (JosÃ© Olympio, 1952)**, livro assinado por Gastão Cruls que sobrou dos pertences de meu avÃº materno (Ã© o que imagino pelo menos). A obra de Cruls nÃ£o consta, para surpresa minha, da bibliografia de **Â??O Rio antes do RioÂ? , de Rafael Freitas da Silva**. Cruls especula vÃ¡rias possibilidades para o nome da tal **Â??Casa de PedraÂ? , a Carioca**, que deu origem ao gentílico dos moradores do Rio de Janeiro. Nenhuma das suas hipóteses, no entanto, Ã© mencionada por Rafael Freitas para quem Carioca era, como vimos, a **Â??Casa dos CarijÃ³sÂ? . Por sua importância**, Cruls merecia ter feito pelo menos parte das leituras do novíssimo pesquisador, inclusive para que suas afirmações fossem confrontadas com o que jÃ¡ se especulou sobre o passado de nossa cidade e seus habitantes.





Os frequentadores deste blogue talvez não saibam, mas venho há 10 anos frequentando um clube de leitura que se reúne todo mês para conversar sobre um título qualquer e degustar iguarias. Esse foi obviamente um ano off para o grupo. Mas tivemos pelo menos dois encontros virtuais para ouvirmos a amiga Sheila Kaplan falar sobre SÃ©rgio Sant'Anna e para conversarmos sobre os poemas e a trajetória de vida de Arthur Rimbaud. Os três volumes com a obra completa do poeta de Charlestown, traduzida e editada por Ivo Barroso, foram passados em revista. Desde a poesia do gênio adolescente, até a prosa de "Uma Estada no Inferno" e "Iluminações", com o crivo novidadeiro do inquieto rapaz, bem como toda a sua correspondência. Para contextualizar tudo, recorri também à biografia de Graham Robb ("Rimbaud", Picador, 2000).



Ao longo do ano passei ainda pelos livros de Pedro Doria. Desde aquele que tem como assunto a fundação do país (• **Enquanto o Brasil Nasceu** •, Nova Fronteira, 2012) até o que trata do Tenentismo (• **Tenentes e a Guerra Civil Brasileira** •, Record, 2016). Este último esclarece muito sobre as interferências militares na vida política brasileira. O início do livro parece meramente narrativo por um capricho estilístico de Doria, mas vale a pena aguardar pelas conclusões do final. Uma discussão muito oportuna para o momento que vivemos e que pode ser aprofundada com • **Sobre o Autoritarismo Brasileiro** • (Cia das Letras, 2019), mais um de Lília Moritz, a escritora com quem mais convivi.

Estou fechando o ano com • **A Bailarina da Morte e a Gripe Espanhola no Brasil** • (Cia das Letras, 2020), que acabei de encerrar, e com • **Fascismo à Brasileira** • (Planeta, 2020), que está na cabeceira. A Gripe Espanhola talvez tenha sido tão cruel quanto o covid-19, mas foi mais breve. Chegou em setembro de 1918 no navio Demerara. Ele vinha de Liverpool com parada em Lisboa e saiu contaminando as populações ao atracar no Recife, em Salvador e no Rio de Janeiro (faria escalas ainda em Montevideo e Buenos Aires, espalhando o vírus). Mas, no carnaval de 1919, a gripe já tinha deixado de matar e acumular cadáveres nas ruas e ido embora como conta Ruy Castro em • **Metrôpole Beira-Mar** •. Por isso mesmo, o carnaval no início de 2019 seria muito festejado. Um detalhe importante sobre o período lembrado por Castro: Rodrigues Alves, que tomaria posse na época para seu segundo mandato como presidente, não morreu como consequência da epidemia como pensam muitos historiadores, mas vítima de uma anemia perniciosa que o levou a uma parada cardíaca.

Com a Espanhola, houve também o negacionismo por parte de autoridades como com o coronavírus. O depreparo, coisa indesculpável hoje, era, no entanto, uma contingência de um país que ainda não tinha um Ministério da Saúde, nem um Sistema Único de Saúde. Já sabemos que 2021 vai ainda se mostrar um ano difícil, não custa porém desejar algo de melhor para todos nós, o que a chegada das vacinas parece prenunciar. Um bom ano portanto para vocês, leitores e assinantes.

Category

1. Benjamin Moser
2. Clarice Lispector
3. Lilia Moritz Schwarcz
4. Pedro Doria
5. Rafael Freitas da Silva

Date Created

2020/12/31

Author

kikopedrosa

default watermark